

O saber de si como possibilidade para o cuidar, em Michel Foucault*

Maria Veralúcia Pessoa Porto – UERN**
Dr. Iraquitã de Oliveira Caminha – UFPB***

Resumo:

O artigo trata da investigação que Foucault realiza sobre as expressões *gnòthi seautón* e a *epiméleia heautoû* em contraposição à compreensão na modernidade do cuidado enquanto egoísmo. Para Foucault, a filosofia não nos dá a verdade, como postula a contemporaneidade, a partir da herança cartesiana. Por conseguinte, a necessidade de se retomar o entendimento da filosofia e da espiritualidade, conduzindo ao cultivo do *conhece-te a ti mesmo* na relação mediata do *cuidado de si*. Seguiremos neste trabalho o pensamento do filósofo nas aulas iniciais da obra: *A Hermenêutica do sujeito*.

Palavras-Chave: Foucault; saber; cuidar; verdade; egoísmo.

Para esclarecer sobre o saber de si como possibilidade para o cuidar em Michel Foucault, procuramos estabelecer o percurso que, partindo da modernidade, remete o filósofo francês ao pensamento clássico, e, mais especificamente a Sócrates. O homem, moderno segundo a perspectiva da filosofia cartesiana, é constituído de mente e corpo. Entretanto, esta dicotomia não encontra sua possibilidade de síntese: a consciência é o ponto focal desta visão de homem e de mundo, nela reside a possibilidade do conhecimento. O corpo é deduzido deste processo cognoscitivo. Da existência da *res cogitans* deduzimos a *res extensa*.

Em Sócrates, encontramos uma situação diferente, o cuidar de si desdobra-se numa dimensão corpo e mente, o homem é uma alma, mas sua alma é um todo; o homem é visado de forma integral, logo a importância desta concepção para o pensamento de Foucault.

As possibilidades e os limites do conhecimento na modernidade representam em si as dificuldades do reconhecimento de si. A subjetividade cartesiana, que é condição de possibilidade do conhecimento do mundo, é a efetividade do

* Artigo recebido em 30.12.2013, aprovado em 15.02.2014.

** Aluna do Programa de Doutorado Institucional em Filosofia da UFRN/UFPB/UFPE. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

*** Professor orientador Doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain-la-Neuve e Professor da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

desconhecimento do próprio homem. A capacidade de conhecer o mundo se desdobra na incapacidade de conhecer o próprio homem.

No horizonte delineado por Foucault, a filosofia constitui-se em função de uma nova definição, como uma forma de espiritualidade, um processo de conversão. Converter significa voltar, voltar-se para a antiguidade, para as práticas estéticas que tratam do cuidar, do cuidado de si enquanto obra de arte. Este é o breve percurso que pretendemos percorrer neste artigo visando desenvolver como, segundo Foucault, o saber encontra-se enquanto a possibilidade do cuidar.

A filosofia grega nos apresentou o que há de mais genuíno no que diz respeito à compreensão do homem. A expressão inscrita no oráculo de Delfos e que acompanha Sócrates em todo o seu pensamento, o “conhece-te a ti mesmo”, direciona imediatamente o homem no sentido de que, ao conhecer a si mesmo, ou ser sábio de si é o mesmo que cuidar e, de modo nenhum, deve ser considerado como aceitável, as formas de cuidado ou de conhecer-se impostos, sobrepostos pelas autoridades ou pelos sábios de plantão, como acontecia com os sofistas.

Conforme Foucault, para os gregos, especialmente Sócrates, “*Cuidar de si mesmo, ocupar-se consigo mesmo é conhecer-se*”.¹ É com este espírito filosófico que Sócrates conduz, direciona e orienta os seus interlocutores no caminho do conhecimento ou do que poderíamos chamar de uma prática de si. Logo é exatamente com a compreensão de que o cuidado de si deve consistir no conhecimento de si que, também, é possível chegar a compreensão da própria realidade. Para tanto, faz-se necessário o cultivo das práticas de si.

Só é possível ao homem ter a compreensão de si próprio, do que o rodeia e de tudo quanto o circunda por intermédio de determinadas práticas que, algumas delas, são indispensáveis. Foucault retoma e amplia estas práticas como: “(...) *a de concentração do pensamento, a de retraimento da alma em torno do seu eixo, as de retiro em si (...)*”² e, a partir destas práticas, têm-se aquela que torna possível ao homem a construção da sua integralidade em corpo e alma: a prática de resistência. Um exemplo disso, podemos encontrar na resistência de Sócrates em fugir após seus discípulos terem subornado os guardas. Fugir significava negar-se. Significaria deixar de ser a si mesmo, desprezar todo cuidado despendido na construção do homem Sócrates e de suas crenças.

¹ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 87.

² Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 85.

São das reintegrações das técnicas anteriores citadas a propósito do cuidado de si e associadas ao princípio délfico do “*conhece-te a ti mesmo*” que temos o homem na concepção de Sócrates e que Foucault resgata como uma necessidade no sentido de realização.

(...) - é para conhecer a si mesmo que é preciso dobrar-se sobre si; - é para conhecer a si mesmo que é preciso desligar-se das sensações que nos iludem; - é para conhecer a si mesmo que é preciso estabelecer a alma na imobilidade que a desvincula de todos os acontecimentos exteriores.³

Nesse sentido, não quer Foucault apenas realizar uma reflexão sobre o cuidado de si, mas quer que o homem na contemporaneidade se construa. Tal perspectiva se mostra urgente em face da derrocada do ideal de homem. Acerca destas questões que nos são levantadas são as seguintes: se o homem contemporâneo é o homem da razão, do conhecimento, da verdade, do progresso, o que há de errado com esse homem? Enquanto indivíduo, suas ações egoístas em sociedade se destacam mais e mais em meio aos acontecimentos das lutas ideológicas, dos múltiplos entraves políticos e das mais variáveis formas de desigualdade e exclusão. Parece-nos, então, que foi acertada a retomada que Foucault faz no retorno à filosofia grega e a orientações que nos convocam a perseverar no saber de si como possibilidade para o cuidar.

Ao analisar os acontecimentos históricos na modernidade, após o advento do renascimento, do humanismo e que vão culminar nos ideais do iluminismo, Foucault percebe que o homem se distancia de si mesmo. A busca fora de si pelas determinações de sua existência (a verdade, a ciência, natureza, a política, etc., temas recorrentes no iluminismo), apresenta-se como uma compreensão de homem equivocada e vazia. Tal abordagem da existência e da “conduta” do homem se prolonga até os modos de agir e de se determinar do homem no século XX.

Em nossas sociedades, a ‘economia política’ da verdade têm cinco características historicamente importantes: a ‘verdade’ é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (...); é objeto, de várias formas de uma imensa difusão e de um imenso consumo (...), é produzida e transmitida sobre o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns aparelhos políticos ou econômicos (...); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas ‘ideológicas’).⁴

³ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 86.

⁴ Foucault, M. *Microfísica do Poder*, p. 13.

É considerando essas circunstâncias que Foucault mostra a faceta do homem contemporâneo à compreensão do cuidado enraizado no egoísmo. Percebe Foucault que a filosofia que se apresenta na modernidade e que serve como fundamento para os moldes da sociedade contemporânea não nos dá a verdade como se buscava no preceito délfico do “*conhece-te a ti mesmo*”, ao contrário, o que há é uma espécie de afastamento deste preceito do cuidado de si, pois o cuidado de si é entendido hoje como uma espécie de egoísmo.

Com efeito, vemos que, ao longo dos textos de diferentes formas de filosofia, de diferentes formas de exercícios, práticas filosóficas ou espirituais, o princípio do cuidado de si foi formulado, convertido em uma série de fórmulas como ‘ocupar-se consigo mesmo’, ‘ter cuidado consigo’, ‘retirar-se em si mesmo’, ‘recolher-se em si’, ‘sentir prazer em si mesmo’, ‘buscar deleite somente em si’, ‘permanecer em companhia de si mesmo’, ‘ser amigo de si mesmo’, ‘estar em si como numa fortaleza’ cuidar-se ou ‘prestar culto a si mesmo’ (...) etc.⁵

Percebemos, então, os limites do conhecimento e que a verdade que nos compromete em aceitar todas as imposições, condições, formulações é a mesma verdade que afasta o homem do cuidado de si. A verdade de hoje permanece anos luz de qualquer vínculo com o *gnòthi seautón* e a *epiméleia heautoû* (conhece-te a ti mesmo e cuidado de si), buscado por Sócrates, não sendo possível a partir de tal verdade o fundamento de uma moral ou mesmo a compreensão do homem em sua integralidade.

Todavia, estes tipos de comportamento, modos de vida e desvios de condutas do homem contemporâneo são reflexos da modernidade e, aponta Foucault, foi o pensamento de Descartes que teria impulsionado o desenvolvimento de tal modelo de representação em função dos rumos que a sua filosofia tomou. A preocupação com os fundamentos do conhecimento, com o método, com o lugar das paixões e do erro no processo de construção da realidade centrou o homem em uma subjetividade de cunho cognitivista. A consciência, senhora de si e baseada no método geométrico, deve dar conta do funcionamento do mundo.

O homem moderno, segundo a perspectiva da filosofia cartesiana é constituído de mente e corpo. Entretanto, esta dicotomia não encontra sua possibilidade de síntese. Como resultante deste problema fundamental da filosofia de Descartes, temos a consciência como o ponto focal desta visão de homem e de mundo, posto que nela reside a possibilidade do conhecimento.

⁵ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p.16.

A subjetividade na modernidade compreende, além do que poderíamos chamar de uma “vontade de conhecimento”, o relacionamento do sujeito consigo mesmo. Não obstante, este compreende o momento no qual a consciência do “eu” permanece intimamente atrelada à individualidade. Este conceito de subjetividade aparece de forma contundente no pensamento de René Descartes, e com ele temos a concepção moderna da consciência enquanto *condição e possibilidade* da verdade. O resultado disso é o estabelecimento de padrões e o reconhecimento daquilo que está posto como sendo o que é, como algo a ser conhecido e dominado pela razão.

Dentro dessa nova perspectiva de homem, Descartes estabelece um método para a verdade, a saber, um caminho para chegar à certeza indubitável. O início deste percurso é a dúvida:

[...] somente depois, tive que constatar que, embora eu quisesse pensar que tudo era falso, era preciso necessariamente que eu, que assim pensava, fosse de alguma coisa. E observando que essa verdade – ‘penso, logo existo’ – era tão firme e sólida que nenhuma das mais extravagantes hipóteses dos céticos seria capaz de abalá-la, julguei que podia aceitá-la sem reservas como o princípio de filosofia que eu procurava.⁶

Pela dúvida nos encontramos diante do eu, da *res cogitans*, a coisa pensante. Esta se apresenta como um princípio inabalável diante da dúvida cética, um fundamento para o conhecimento. Desta primazia da consciência, face aos abalos sofridos pela possibilidade do conhecimento na modernidade que reina soberana e sobranceira.

O corpo, por sua vez, é deduzido deste processo cognoscitivo. A *res cogitans* subsiste em uma *res extensa*. Dada a primazia da consciência, poderíamos até mesmo afirmar que a razão prevalece, o corpo padece e a síntese entre os dois desaparece. A solução proposta por Descartes que constitui a glândula pineal como lugar da síntese entre corpo e mente não vingou. Neste horizonte, o sujeito vai ser definido pela sua racionalidade e somente alguns pensadores como Rousseau, postularão o lugar dos sentidos e da sensibilidade como estrutura fundante na constituição do sujeito.

Como característica da modernidade e da tradição cartesiana, encontramos neste sujeito do conhecimento, uma subjetividade que constitui o conhecimento a partir e em torno de si. Porém, a despeito das capacidades epistemológicas da subjetividade em fundar o conhecimento do mundo, é ela capaz de instaurar o sujeito? É esta a

⁶ Descartes, R. *Discurso do Método*, p. 46.

indagação que perpassa Foucault, um dos principais pensadores a por em questão a ideia de sujeito, quando ele considera a herança cartesiana sobre a verdade à luz da herança socrática em *A hermenêutica do Sujeito* a respeito da verdade cartesiana.

[...] colocando a evidência da existência própria do sujeito no princípio do acesso ao ser era este conhecimento de si mesmo (não mais sob a forma da prova da evidência mas sob a forma da indubitabilidade de minha existência como sujeito) que fazia do "conhece-te a ti mesmo" um acesso fundamental à verdade. Certamente, entre o *gnôthi seautón* socrático e o procedimento cartesiano, a distância é imensa.⁷

Neste sentido, a verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Tal como ele é constituído, muito embora possa vir a ser capaz da verdade, ele não se constitui como capaz de constituir-se. É neste aspecto que Foucault sente a necessidade de abordar a questão do cuidado de si e para tanto retorna ao que ele próprio vai considerar como cultivo de práticas de si. Diante deste caminho metodológico, Foucault inquire sobre uma definição diferente de filosofia, sente a necessidade de um retorno aos gregos e aponta a estreita e saudosa relação da filosofia para com a espiritualidade.

Iniciamos nossa investigação com a hipótese de que existe uma relação intrínseca entre saber e cuidar e esta parece ser a fórmula fundamental para definir a espiritualidade que se realiza com o cultivo do *conhece-te a ti mesmo* em sua relação mediata do *cuidado de si*. Ora, podemos considerar que esta relação entre saber e cuidar deveria ser o próprio da filosofia passando a ser, também, sua definição? E, em sendo desta forma, por que houve um afastamento deste parâmetro, deste modelo, levando a modernidade a defini-la em termos epistemológicos?

Conforme Foucault, o que chamamos de filosofia hoje se restringe à forma do pensamento sobre o interrogar ou sobre a possibilidade de se ter acesso à verdade, mas ao analisarmos a sociedade percebemos que a capacidade de verdade, tal como ela é, não é capaz de nos dizer algo sobre o próprio sujeito. Nesse sentido, o que temos na filosofia seria a pretensão de verdade e, se essa é a definição de filosofia, acredita Foucault, poderíamos então chamar de formas de espiritualidade (ou o que antes na sua originalidade era a filosofia e que infelizmente se perdeu), ao conjunto de buscas, práticas e experiências que constituem não o conhecimento, mas o sujeito.

⁷ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 19.

O primeiro aspecto da espiritualidade é, então, a constituição do sujeito através de um “conjunto de buscas, práticas e experiências tais como purificações, ascetes, renúncias, conversões do olhar, modificações da existência que constitui o sujeito”.⁸ O segundo aspecto da espiritualidade seria exatamente “a conversão do sujeito”.⁹ Foucault apresenta a necessidade da transformação do sujeito para poder a verdade existir, sendo assim, constituição e conversão fazem parte do processo de subjetivação visto que é imprescindível que o sujeito venha a se modificar, a se transformar e se deslocar do *status quo* estabelecido, tornando-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo.

Este outro que não ele mesmo são os efeitos da espiritualidade, pois só ela permite “(...) o retorno da verdade sobre o sujeito. Não como uma recompensa, mas como algo que completa o sujeito e lhe permite a tranquilidade da alma”.¹⁰ Somente nessa perspectiva teríamos a retomada do *gnòthi seautón* e da *epiméleia heautoû* (conhece-te a ti mesmo e cuidado de si), em contraposição ao cuidado enquanto egoísmo tão determinante na contemporaneidade.

Foucault, então, desacreditado na forma como a filosofia é utilizada na modernidade credita à espiritualidade a possibilidade de conversão. Diz nosso filósofo que: “A verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz, de verdade. Acho que esta é a fórmula mais simples porém mais fundamental para definir a espiritualidade”.¹¹

A espiritualidade é a capacidade de conversão e de constituição do sujeito e tal postura não acontece como um passe de mágica, mas é necessário o desenvolvimento de um processo de subjetivação, de uma prática constante que considera a relação intrínseca entre saber e cuidar que se realiza com o cultivo do *conhece-te a ti mesmo* em sua interligação com o *cuidado de si*. Deste ponto de vista não pode haver verdade sem uma conversão ou sem uma transformação do sujeito.

A investigação sobre o saber de si como possibilidade para o cuidar em Michel Foucault aponta para a emergência de um novo paradigma de filosofia na medida que, o resultado do mover da filosofia desde a modernidade na sua busca pela verdade é o

⁸ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 19.

⁹ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 20.

¹⁰ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 20.

¹¹ Foucault, M. *Hermenêutica do Sujeito*, pp. 19-20.

abandono do homem e, no extremo do processo a própria falência do programa epistemológico em face da quebra de paradigmas, de modelos, de sistemas levando o próprio sujeito a postular o irracionalismo, a desrazão, que pode ser identificada aos limites e às consequências do conhecimento segundo os pressupostos herdados da filosofia cartesiana.

O homem moderno, segundo a perspectiva da filosofia cartesiana, é constituído de mente e corpo. Entretanto, esta dicotomia não encontra sua possibilidade de síntese: a consciência é o ponto focal desta visão de homem e de mundo, nela reside a possibilidade do conhecimento, encontramos-nos diante de um fosso: de um lado o conhecer a verdade, do outro o conhecer a si mesmo, sem nenhuma possibilidade de unir os dois lados, nenhuma ponte possível.

Descartes impulsionou a filosofia para o conhecimento verdadeiro. Todavia, os rumos que a filosofia tomou, no sentido do estabelecimento de uma verdade, e considerando a história com seus acontecimentos mostra que as características da verdade constituída de forma instrumental se presta apenas para mascarar, camuflar e controlar. O homem, enquanto ser moral homem acaba por se anular não mais se reconhecendo visto a divisão que se manifesta entre mente e razão.

O saber conduzir o pensamento se contrapõe de forma definitiva ao saber conduzir a existência. Esta oposição é corroborada pelo próprio sentido do método, da busca pelas etapas que possibilitam uma condução segura do entendimento. Na outra ponta, desprovido de uma natureza o sujeito só pode ser construído por meio de práticas de si, por um processo errático em seu próprio cerne, sem segurança, só com um propósito: conhecer-se face às dificuldades próprias do homem enquanto ser sem natureza definida. Dar conta da natureza do conhecimento não me dá acesso imediato à natureza daquele que conhece a natureza, que a controla, daquele que a domestica com sua engenhosidade.

Outro aspecto dos percalços de um projeto epistêmico, que tivesse por visada dar conta do sujeito, diz respeito às relações entre o pressuposto universalista de um projeto de conhecimento em contraposição à própria característica particular e mesmo singular da existência e dos cuidados que lhe são precípuos.

Neste aspecto é que Foucault mostra a necessidade de se retomar a definição de filosofia e espiritualidade. Assim, chegamos a conclusão que enquanto a filosofia

postula a verdade, a espiritualidade, postula que a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento tão somente em função de que este ato seria fundamentado e legitimado pelo próprio sujeito enquanto sujeito do conhecimento. As dificuldades e as decepções da contemporaneidade são mais do que suficientes para destituir esta pretensão auto fundante do conhecimento.

No que diz respeito a uma compreensão antropológica, o saber de si é uma necessidade do cuidar na qual pressupõe uma conversão, isto é, que o sujeito se modifique, transforme-se, desloque-se, torne-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo para ter direito ao acesso à verdade.

Tal perspectiva nos remonta a Sócrates. É exatamente com a compreensão de que o cuidado de si deve consistir no conhecimento de si que é possível chegar à compreensão da própria realidade. Para tanto, faz-se necessário o cultivo de práticas de si.

Só é possível ao homem ter a compreensão de si próprio, do que o rodeia e de tudo quanto o circunda por intermédio de determinadas práticas e, algumas delas, são indispensáveis por tornar possível ao homem a construção da sua integralidade em corpo e alma. Para finalizar, retornamos a Sócrates que ao postular o conhecer-se a si mesmo e o cuidar de si foi capaz de resistir a Atenas, resistir à tentação do lucro fácil dos sofistas, resistir a repudiar seus ensinamentos e seus princípios. O caminho traçado por Sócrates nos conduz a esta visão da interrelação entre o conhecer e o ser, do qual ele foi um dos mais apropriados modelos.

Le savoir de soi comme possibilité pour le souci chez michel Foucault

Résumé:

Cet article décrit l'investigation que Foucault fait sur les expressions *gnòthi seautón* et *epiméleia heautoû* par rapport à compréhension moderne du souci de soi y compris comme égoïsme. Pour Foucault la philosophie ne nous donne pas la vérité selon pense la contemporanéité, des principes hérités de la philosophie cartésienne. Il faut reprendre la compréhension de la philosophie et de la spiritualité comme la cultivation du *connais-toi toi-même* par rapport au *souci de soi*. Nous suivrons la pensée du philosophe dans son cours publiée chez son ouvrage *L'Hermeneutique du sujet*.

Mots-clés: Foucault; savoir; souci; vérité; égoïsme.

Referências:

Foucault, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, tradução de Márcio da Fonseca e Sama Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Microfísica do Poder*, tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Descartes, René. *Discurso do Método*, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 1^o Ed. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os pensadores).